

**BREVES NOÇÕES DA SINTAXE
DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
– O VERBO EM ENFOQUE**

Sizenana Maria da Silva (UEMS)

suzi2010.maria@hotmail.com

Magno Pinheiro de Almeida

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo esboçar um painel da sintaxe na língua brasileira de sinais, fixando o olhar sobre a questão do verbo. Assim como a língua portuguesa, a libras, língua materna da comunidade surda, possui sua estrutura própria, não podendo ser comparada com outras línguas, ante sua peculiaridade. Dessa forma, apresenta-se um panorama sobre essa questão gramatical, para fins de firmar a identidade da libras. A metodologia utilizada será a revisão bibliográfica e a disposição do trabalho compreende os seguintes tópicos: considerações iniciais; estrutura verbal: breve análise contrastiva e, por fim, verbos: pessoa, número, tempo e aspectos. Espera-se que o trabalho possibilite ao público leitor compreender alguns aspectos gramaticais da libras, principalmente as questões relacionadas aos verbos.

Palavras-chave: Sintaxe. Verbos. Libras.

1. Considerações iniciais

A língua brasileira de sinais (libras), língua materna da comunidade surda, assim como a língua portuguesa e outras infinitudes de línguas do nosso globo, é um elemento importantíssimo de marca identitária. O usuário da libras se afirma enquanto sujeito surdo e evita o meio termo “nem surdo nem ouvinte” que o oralismo muitas vezes ensejou.

Como toda língua, a libras tem uma estrutura própria, que não pode ser comparada com a língua portuguesa – que é a segunda língua da comunidade surda –, ante sua peculiaridade. Os surdos, diversamente dos ouvintes, são pessoas visuais-espaciais que, não dispoendo da possibilidade de ouvir (o que lhes impossibilita, via de consequência, a comunicação oral) se valem da expressão corporal e facial para se comunicar. Dessa forma, a libras se estrutura no sentido de propiciar uma comunicação eficaz entre seus usuários, não obedecendo às regras da língua portuguesa, dentre outras coisas, com relação à sintaxe. Vejamos exemplos dessa diferenciação:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

LIBRAS: IDADE VOCÊ (expressão facial de interrogação)

Português: “Quantos anos você tem?”

LIBRAS: CINEMA O-P-I-A-N-O MUITO BOM

Português: “O filme O piano é maravilhoso”. (FABERJ, 2010, p. 13)

Observa-se que na libras existem regras próprias, pois não são usados artigos, preposições e conjunções, uma vez que os mesmos estão incorporados ao sinal, e há casos ainda, de omissão de verbos, sujeitos e objetos, que na língua portuguesa são expressos nas frases.

Sobre a sintaxe, Almeida (2014) explica que essa se conceitua como “[...] parte da gramática que ensina a dispor as palavras para formar as orações, as orações para formar os períodos e parágrafos, e estes para formar o discurso”. Na língua portuguesa essa formação de orações obedece prioritariamente à ordem sujeito-verbo-objeto, mais conhecida como SVO. Entretanto, em libras essa estrutura não é regra, como veremos a seguir.

Ainda conforme Almeida (2014), mesmo que seja plenamente possível, na libras, a organização da oração ser SVO (aliás, essa é muito comum), conforme o exemplo “EU PERDER LIVRO”, esse uso se divide entre outras possibilidades como: SVO com possibilidade de omitir-se o sujeito e o objeto (ex.: “DAR”); SOV (ex.: “EU LIVRO PERDER”). São possíveis ainda as ordens OSV e VOS.

Tratando mais especificamente dos verbos, destacamos a lição constante no material da Faculdade Batista do Estado do Rio de Janeiro (FABERJ, 2010), que afirma que a estrutura será sempre SVO em verbos com flexão com VER, AVISAR, RESPONDER, PERGUNTAR e AJUDAR, conforme exemplo abaixo:

1ª RESPONDER 2ª (=eu respondi a você)

3ª PERGUNTAR 1ª VERDADE (=ele perguntou a mim a verdade)

VERDADE 3ª PERGUNTAR 1ª (=a verdade ele perguntou a mim)

1ª VER 2ª (=eu vi você)

[...]

2. *Estrutura verbal: breve análise contrastiva*

De acordo com Azeredo (2008), citado por Teixeira (2013), a forma verbal do português é dotada de um morfema lexical (base) e um

conjunto de noções gramaticais (vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número pessoal) dispostas em uma ordem fixa e linear após esta base. Em contrapartida na libras pode-se observar que: “a flexão dos verbos ocorrem por mecanismos discursivos, contextuais e espaciais. Vale ainda destacar que não há as categorias morfológicas/sufixos específicas de tempo e modo na conjugação dos verbos [...]” (TEIXEIRA, 2013, p. 34)

Portanto, na língua brasileira de sinais, segundo Teixeira (2013), a forma verbal é estruturada a partir da raiz (constituente da palavra que possui significado lexical), mas não de afixos derivacionais ou flexionais. O que há é a incorporação de outros tipos de flexões que direcionam a compreensão: os parâmetros de movimento, orientação e expressão facial, que juntamente com os outros dois (configuração de mão e ponto de articulação) formam a estrutura de libras. Podemos assimilar melhor essa questão observando a ilustração abaixo:

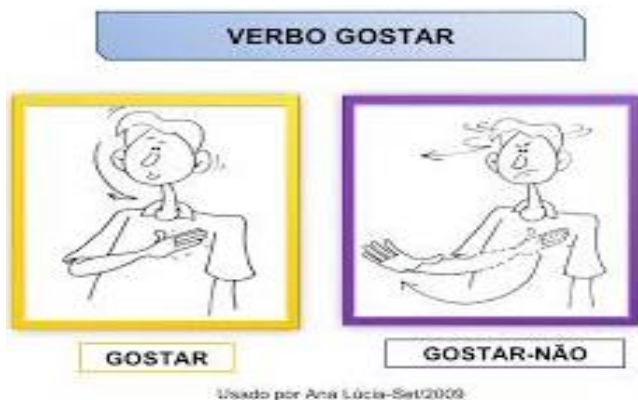


Fig. 1: Ilustração do verbo gostar em Libras

No que toca aos modos verbais, de acordo com Teixeira (2013), existem três em língua portuguesa: indicativo (que serve para indicar fatos da existência objetiva), subjuntivo (que serve para representar fatos como dependentes do ponto de vista do enunciador) e o imperativo (usa-se em quando o enunciador quer expressar ordem ou um pedido).

E também quanto às conjugações, são três: primeira conjugação (radical + vogal temática – *a*, exemplo *cantar*), segunda conjugação (radical + vogal temática – *e*, exemplo *vender*) e terceira conjugação (radical + vogal temática *i*, exemplo *partir*). Já segundo a estrutura verbal, no

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

caso da libras, de acordo com Quadros (2006), citada por Teixeira (2013), a categorização dos verbos ocorre de outra forma, eles estão divididos em três classes basicamente:

Verbos simples – são os verbos que não se flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos. Exemplos dessa categoria são: conhecer, amar, aprender, saber, inventar, gostar.

Verbos com concordância – são verbos que se flexionam em pessoa e número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. Exemplos dessa categoria são: dar, enviar, responder, perguntar, dizer, provocar.

Verbos espaciais – são verbos que têm afixos locativos. Exemplos dessa classe são: colocar, ir, chegar. (TEIXEIRA, 2013, p. 37-38)

3. *Verbos: pessoa, número, tempo e aspectos*

Em um diálogo, é imprescindível a existência de um locutor (pessoa que fala, que refere a si como “eu”) e um locutário (o ouvinte, tu/você) e, dentro da estrutura verbal da língua portuguesa, essas formas podem variar em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda e terceira), de acordo com o sujeito ou do predicativo aos quais se referem, segundo Teixeira (2013). E na libras: “Na primeira pessoa, o dedo indicador aponta para o peito do locutor e na segunda pessoa, o indicador aponta para o interlocutor. Pontos no espaço, estabelecidos durante o discurso, representam as terceiras pessoas”. (TEIXEIRA, 2013, p. 38)

Para expressar o plural nessa situação, podem ser usadas duas formas, uma através do movimento semicircular para a segunda pessoa e, a outra, do movimento circular para a primeira pessoa.

Na perspectiva temporal, levando em conta o momento que se fala, o fato indicado pelo verbo, pode acontecer no presente, no passado ou, no futuro quando pensamos na gramática da língua portuguesa, possuindo dentro desse contexto os modos: indicativo (tempos simples e compostos), subjuntivo (tempos simples ou compostos) e imperativo (tempos simples).

Já, quando considerada a estrutura da libras, o tempo é expresso através de locativos temporais, que apresentam entre si relações espaciais. Em conformidade com Teixeira (2013):

O presente (hoje, agora) é representado pelo plano vertical imediatamente em frente ao corpo do locutor.

O futuro próximo (amanhã) é indicado por um curto movimento direcionado para frente do locutor.

O futuro distante (daqui a muito tempo) é indicado por um amplo movimento que se afasta do corpo do locutor para frente.

O passado (ontem) é representado por um movimento sobre o ombro que deve atingir o espaço imediatamente anterior ao ouvido.

O passado distante (há muito tempo) é indicado por um movimento que se amplia além das costas. (TEIXEIRA, 2013, p. 39-40)

Outra parte importante na sintaxe da libras, são as maneiras aspectuais de pontualidade, continuidade e duração, as mais comuns nessa língua. Para atingir essas modulações espaciais faz-se necessária a alteração dos parâmetros (com alteração de amplitude, frequência, duração, velocidade, direção e configuração de mão), e através disso a obtenção de incorporações gramaticais e lexicais, quantificação, negação e tempo.

4. Considerações finais

Através do enfoque na classe de palavras *verbo*, que pode exprimir ação, estado ou fenômeno da natureza, o presente estudo apresentou considerações a respeito da presença dessa classe na língua portuguesa e na libras, destacando seus aspectos diferenciadores, com intuito de esclarecer e ressaltar que a primeira língua do surdo deve ser utilizada como fundamento do ensino e aprendizagem de uma segunda língua, nesse caso, a língua portuguesa.

Deve ser levado em conta a diferença modal de cada língua, pois de acordo com Teixeira (2013), a libras é espaço-visual enquanto a língua portuguesa é oral-auditiva. E, perante o desenvolvimento de uma metodologia especial de ensino, é de suma importância explorar essas estruturas verbais distintas.

Através do universo contrastivo do estudo em questão, busca-se estabelecer relações entre as línguas distintas, buscando auxiliar na compreensão da língua portuguesa escrita em relação à língua brasileira de sinais. E a reafirmação identitária do sujeito surdo (brasileiro) através de sua língua, que como todas as outras possui estrutura própria.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Magno Pinheiro de. *Língua de sinais x libras: uma abordagem da historiografia linguística*. Campo Grande: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2014. Disponível em:

<http://www.uems.br/pgletras/arquivos/2_2014-05-23_18-54-27.pdf>.

Acesso em: 21/05/2015.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

FABERJ (Faculdade Batista do Estado do Rio de Janeiro). *Apostila de língua brasileira de sinais*. Nível básico. Rio de Janeiro: FABERJ, 2010. Disponível em:

<http://www.faberj.edu.br/downloads/biblioteca/libras/Lingua_Brasileira_de_Sinais-N%C3%ADvel_Basico.pdf>. Acesso em: 21/05/2015.

QUADROS, Ronice Müller de. *Estudos surdos*, I. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

TEIXEIRA, Vanessa Gomes. Flexão verbal em libras e em língua portuguesa. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 19, n. 55, p. 31-43, jan/abr.2013. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/revista/55/003.pdf>>. Acesso em: 21-05-2015.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMUNIDADE SURDA¹

Priscila Figueiredo da Mata Medeiros (UEMS)

priscilafdmata@hotmail.com

RESUMO

O objetivo geral desse trabalho é delinear um panorama sobre a comunidade surda. Para tanto, serão apresentadas inicialmente, breves noções sobre a surdez, onde será demonstrada a diferença entre o surdo e o deficiente auditivo; a não adequação do termo surdo-mudo e, as causas da surdez. Igualmente serão apresentadas notas sobre a identidade surda, momento em que será explanado acerca do uso da língua brasileira de sinais como marca identitária. Acredita-se pertinente a presente abordagem, uma vez que o público-alvo é formado por acadêmicos e estudiosos de letras que, visam o objetivo de atender às propostas de inclusão. Com relação à metodologia adotada, esta será a revisão bibliográfica. Espera-se com essa pesquisa, aumentar as discussões sobre a comunidade surda e alcançar pessoas para o trabalho de inclusão, tanto professores de sala de aula regular, como intérpretes de libras.

Palavras-chave: Surdez. Identidade. Comunidade. Libras.

1. *Breves noções sobre a surdez*

Ao manusearmos materiais que dispõem acerca da inclusão, mais especificamente dos surdos, pode surgir uma dúvida com relação às terminologias: *surdo* e *deficiente auditivo*. Ainda que ambos os termos se refiram à perda (maior ou menor) da percepção dos sons, conforme Bisol e Valentini (2011), a noção de surdo é muito mais voltada à questão da identidade. O surdo é aquele que não se considera como deficiente, vive em uma comunidade surda e se vale da língua de sinais para se comunicar, ao passo que o deficiente auditivo não se identifica com referida cultura e língua.

Não se trata, portanto, de uma simples nomenclatura. Esta diferenciação permite compreender, por exemplo, que um surdo não passa despercebido em uma sala de aula ou em um local de trabalho, pois utiliza as mãos para se expressar em uma língua gestual-visual e poderá se utilizar da mediação de um intérprete de língua de sinais. A situação do deficiente auditivo é outra: ele será percebido pelos demais quando se nota a presença de uma prótese auditiva ou se percebe alguma dificuldade (geralmente pequena) de fala. É comum que o deficiente auditivo se esforce muito para que sua dificuldade não seja percebida. (BISOL & VALENTINI, 2011)

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no XVIII CNLF, em 2014.